

Padrões de conduta antissocial e socialização em jovens escolares do sexo feminino

Vitor Nogueira Visin

Rafaelle Carolynne Santos Costa

Marina Rezende Bazon

RESUMO

A taxa de condutas delituosas oficiais praticadas por meninas jovens tem aumentado nos últimos anos. Embora a literatura sugira um viés de gênero nesse fenômeno, ainda predominam estudos voltados ao sexo masculino. O presente estudo teve como objetivo verificar associações entre os aspectos de personalidade do fator Socialização, compatível com traços do Modelo dos Cinco Grandes Fatores, e condutas antissociais (delituosas e divergentes) em jovens escolares do sexo feminino. Uma amostra de 549 jovens respondeu ao Questionário de Comportamentos Juvenis (QCJ) e à Escala Fatorial de Socialização (EFS). A partir das pontuações obtidas na EFS, os dados da amostra foram agrupados, havendo formação de três clusters, com diferentes níveis de engajamento em condutas antissociais. Maior frequência e diversidade de condutas antissociais estiveram associadas a menores níveis de Amabilidade, Pró-Sociabilidade e Confiança nas Pessoas, sugerindo relação entre os aspectos de personalidade e as condutas antissociais avaliadas. São discutidas também possíveis implicações de outros fatores nessa relação.

Palavras-chave: Comportamento antissocial; Delinquência Juvenil, Traços de Personalidade; Jovens; Gênero.

ABSTRACT

Patterns of antisocial behavior and socialization in young female school teenagers

The rate of official misconduct cases involving young girls have increased in recent years. Although the literature suggests a gender gap in this phenomenon, studies focusing on males still predominate. The present study had as objective verifying the relation between personality aspects of the Socialization factor, compatible with the characteristics of the Big Five Factors Model, and the commitment of antisocial behaviors (criminal and divergent) by young female students. To this end, a sample of 549 adolescents answered the *Questionário de Comportamentos Juvenis (QCJ)* and the *Escala Fatorial de Socialização (EFS)*. Based on the results obtained in the EFS, the sample was divided into three clusters. Greater frequency and diversity of antisocial behaviors were associated with lower levels of Agreeableness, Pro-Sociability and Trust in People, suggesting a relationship between personality aspects and the antisocial behaviors evaluated. Possible implications of other factors in this relationship are also discussed.

Keywords: Antisocial behavior; Juvenile delinquency; Personality traits; Youth; Gender.

Sobre os Autores

V.N.V.
orcid.org/0000-0001-7274-0487
Universidade de São Paulo –
Ribeirão Preto, SP
vitorvisin@usrp.br

R.C.S.C.
orcid.org/0000-0002-7366-3126
Universidade de São Paulo –
Ribeirão Preto, SP
rafaellecosta@gmail.com

M.E.B.
orcid.org/0000-0002-8037-8710
Universidade de São Paulo –
Ribeirão Preto, SP
mbazon@ffclrp.usp.br

Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC



No Brasil, a cada 100 mil adolescentes, aproximadamente 111 se encontram em conflito com a lei. Dessa taxa, 4% são adolescentes do sexo feminino (Rodrigues et al., 2017). Embora ainda constituam uma minoria, ao longo dos últimos anos, tem-se verificado um aumento gradual e consistente nos registros oficiais de participação de adolescentes do sexo feminino em atividades delituosas, no Brasil e em outros contextos socioculturais (Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), 2017; Kruttschnitt, 2013; Salgado, 2018). Apesar dessa tendência, poucos estudos, ainda, focalizam adolescentes do sexo feminino; predominam, na área, estudos com amostras do sexo masculino ou com amostras mistas – esses últimos, em geral, em uma perspectiva comparativa (Kruttschnitt, 2013).

No contexto brasileiro, Salgado (2018) estudou uma amostra de 1.174 adolescentes-estudantes do sexo feminino, buscando identificar padrões de conduta antissocial e fatores psicossociais associados, empregando uma técnica estatística de agrupamentos por semelhança. O autor encontrou quatro grupos significativamente diferentes no tocante aos padrões de conduta antissocial (envolvendo condutas divergentes, como uso de substâncias, e condutas delituosas, como furtos e tráfico). Os agrupamentos identificados, segundo o autor, foram comparáveis àqueles já identificados em outros estudos realizados no Brasil com amostras exclusivamente do sexo masculino (Komatsu & Bazon, 2017), denotando a existência, em um extremo, de um grupo apresentando um padrão de conduta antissocial caracterizado por poucos atos e pouca diversidade no tocante a essas condutas (tanto divergentes quanto delituosas) e, noutro extremo, um grupo apresentando um padrão caracterizado por muitos e diversificados atos, inclusive com presença de delitos violentos.

Outros autores, a partir de dados do Dunedin Multidisciplinary Health and Development Study, estudo de coorte realizado com amostra neozelandesa, também dispõem de indicadores de semelhanças entre os gêneros no tocante aos diferentes padrões de conduta antissocial (Odgers et al., 2008), sendo estes utilizados para argumentar em favor da importância do investimento no desenvolvimento de teorias generalistas sobre o fenômeno da delinquência juvenil (e não específicas aos gêneros), como o fazem Jennings et al. (2010). No entanto, na linha da argumentação de Kruttschnitt (2013), tomando por base sua revisão de literatura, deve-se considerar que, embora haja fatores e mecanismos similares no desenvolvimento das trajetórias de conduta delituosa em se considerando meninos e meninas, certas variáveis podem ser diferentes e/ou afetar diferentemente os indivíduos em função do gênero.

Experiências de abuso e negligência parental são identificadas como um dos principais fatores associados ao envolvimento em condutas antissociais, para ambos os sexos (Berg & Schreck, 2022). Autores sugerem que esses fatores

podem se constituir em elementos especialmente relevantes no desenvolvimento das trajetórias de conduta antissocial de adolescentes do sexo feminino (Kerig & Becker, 2015; Salgado, 2018), assim como altos níveis de vulnerabilidade social, sobretudo entre as jovens que cometem delitos violentos (Araújo, Fernandes, Barros & Amorim, 2019). Há ainda especificidades de gênero concernentes a fatores individuais/psicológicos. Nardi et al. (2014), em estudo realizado em Porto Alegre – RS, indicam que o envolvimento de adolescentes do sexo feminino na prática de delitos está comumente associado a problemas de comportamento internalizantes, como a depressão e a instabilidade emocional, argumentando que isto, talvez, deva-se ao fato de as meninas serem mais incentivadas a reprimir a própria frustração, agressividade e enfrentamento de situações problemáticas. Ainda, em Portugal, Morgado e Dias (2016) identificaram percepção negativa do *self* significativamente maior no grupo do sexo feminino, associada às chances de engajamento antissocial.

Segundo Lanctôt e LeBlanc (2002), existiria um viés de gênero que perpassa a socialização feminina nas sociedades ocidentais, sendo esse processo marcado, para a maioria, por um maior controle social e pelo desincentivo à manifestação de comportamentos assertivos/agressivos por parte dos indivíduos do sexo feminino (Schwartz & Steffensmeier, 2017). É importante sublinhar, contudo, que os padrões de conduta antissocial mais graves estão, em geral, associados a problemas/falhas no processo de socialização, altos níveis de impulsividade e egocentrismo e baixa/frágil autorregulação emocional, tanto em meninas quanto em meninos (Komatsu & Bazon, 2017; Salgado, 2018; Sánchez-Teruel & Robles-Bello, 2013).

Considerando a socialização como processo pelo qual o indivíduo se integra no grupo social em que nasceu, adquirindo os seus hábitos e valores característicos, entende-se tal processo como fundamental ao desenvolvimento da personalidade, no indivíduo, assim como à qualidade de seu Vínculo Social, a partir da interação entre suas disposições básicas (temperamento) e suas experiências. Nesse sentido, Hirschi (1969) aponta que o Vínculo Social – definido como um conjunto de relações positivas que um indivíduo desenvolve com outras pessoas e instituições no curso do seu processo de socialização – é um dos mais poderosos fatores protetivos ao não engajamento em condutas antissociais.

A socialização pode ser apreendida nas expressões dos traços de personalidade, ao longo do processo de desenvolvimento, em conformidade com o modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF), também conhecido como Modelo Big Five, um dos mais bem estabelecidos para o estudo da personalidade (Costa & McCrae, 2012). Este vem sendo um dos mais utilizados para detectar diferenças entre indivíduos ou grupos em relação ao envolvimento em condutas antissociais, em amostras de adultos e de adolescentes de ambos os sexos (Gungea et al., 2017; Ljubin-Golub et al., 2017; Sánchez-Teruel &

Robles-Bello, 2013; Wang et al., 2022). Além disso, é um referencial que contempla as mudanças individuais ao longo do tempo, sobretudo no contexto de experiências relacionais, que podem influir na trajetória de engajamento antissocial.

Tal modelo organiza os traços da personalidade em cinco diferentes predisposições básicas: Amabilidade, Conscienciosidade, Extroversão, Abertura à Experiência e Neuroticismo (Feist et al., 2015). A Amabilidade refere-se ao quão agradável uma pessoa busca ser com as outras, englobando aspectos ligados ao cuidado, à busca por garantir o bem-estar alheio, altruísmo e disponibilidade; a Conscienciosidade avalia habilidades relacionadas à organização, comprometimento, dedicação e disciplina; a Extroversão é relacionada à forte sociabilidade e tendência pessoal a buscar estímulos externos, com maior número de interações interpessoais e nível de atividade; a Abertura à Experiência indica o grau de curiosidade, comportamento exploratório ou conservadorismo de um indivíduo; Neuroticismo, por fim, refere-se ao nível de estabilidade, ajustamento emocional, autoestima e melancolia de um sujeito (Costa & McCrae, 2012; Feist et al., 2015).

Estudos sobre reincidência na prática de delitos, a partir de registros oficiais de justiça e do método de delinquência autorrevelada – no qual o respondente revela anonimamente condutas antissociais já cometidas e não necessariamente judicializadas –, mostram que os fatores Extroversão e Amabilidade influenciam na variabilidade do desfecho – altos níveis de extroversão e baixos níveis de amabilidade aumentam a probabilidade de reincidência infracional, em amostra de adolescentes holandeses, judicializados e não judicializados, de ambos os sexos (Van Dam et al., 2005) e em amostras de adolescentes judicializados estadunidenses, de ambos os sexos (Walters, 2018a). Baixos níveis de Amabilidade e de Conscienciosidade também se mostraram relevantes para prever uma prática frequente de delitos, em amostra de adolescentes estonianos do sexo masculino (Möttus et al., 2012) e em estudo supracitado (Walters, 2018a).

Em estudo estônio com adolescentes que cursavam ensino médio ($n=1.919$), verificou-se que os indivíduos implicados em prática de delitos apresentavam níveis significativamente mais baixos de Abertura à Experiência, Conscienciosidade e Amabilidade e mais alto em Neuroticismo (Möttus et al., 2012). Em estudo inglês, também com adolescentes ($n= 720$, sendo 344 do sexo feminino), mostrou-se, de igual modo, que meninas infratoras pontuaram significativamente mais alto em Extroversão e mais baixo em Abertura à Experiência, Conscienciosidade e Amabilidade, quando comparadas a não infratoras (Jolliffe, 2013). Em Portugal, em estudo no qual participaram 498 adolescentes (sendo 295 meninas), utilizando o modelo PEN (Psicoticismo, Neuroticismo e Extroversão, uma versão curta do Big Five), foram observados maiores níveis desses fatores em grupos com maior tendência antissocial, assim como menores níveis em conformismo social, empatia e autocontrole (Morgado & Dias 2016). Esses

estudos reiteram a importância dos aspectos de personalidade na trajetória de delinquência de adolescentes, afetando os processos de manifestação, desenvolvimento e encerramento da prática de condutas antissociais.

Em vista do aumento nas taxas de jovens em conflito com a lei do sexo feminino em nossa realidade (FBSP, 2017) e das relações entre os aspectos de personalidade supracitados e o envolvimento em condutas antissociais, faz-se importante identificar quais elementos da formação pessoal e psicológica desse grupo podem estar relacionados a esses fenômenos. Assim, o objetivo do presente estudo foi verificar a associação entre os aspectos de personalidade específicos do fator Socialização (que apresenta características do Modelo Big Five) e padrões de condutas antissociais em jovens escolares do sexo feminino no contexto sociocultural brasileiro.

MÉTODO

Participantes

Foram coletados dados de 549 jovens do sexo feminino com idades entre 11 e 21 anos. Desse total, 59 casos foram excluídos por falta de informações, totalizando uma amostra final de 490 jovens com idades entre 11 e 19 anos ($M = 14,8$; $DP = 1,96$). Em relação aos perfis sociodemográficos que constituem o Critério Brasil – que investiga o poder aquisitivo das famílias de acordo com a distribuição de classes relacionada pela ABEP (2018) –, identificou-se um pertencimento de 11,2% da amostra total ao nível A; 20,6% ao nível B1; 33,6% ao nível B2; 21,4% ao nível C1; 10,4% ao nível C2; e 2,6% aos níveis D-E. Comparando essa distribuição com a apresentada pela ABEP (2018) em relação ao estado de São Paulo (no qual 7,5% da população concentra-se na classe B1 e 26,1% na classe C2), percebe-se que a amostra estudada possui maior concentração de indivíduos nos níveis mais altos (como B1) e menos nos mais baixos (C2), representando um perfil sociodemográfico acima da média da população do estado de São Paulo.

Instrumentos

Os dados foram coletados por meio dos seguintes instrumentos: **Escala Fatorial de Socialização (EFS)** (Nunes & Hutz, 2007); **Questionário sobre Comportamentos Juvenis (QCJ)** (Komatsu et al., 2020). A EFS é um instrumento brasileiro composto por 70 afirmações referentes a sentimentos, opiniões e atitudes, que buscam mensurar o fator “Socialização” (conforme propõe a teoria dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade). Em cada item, a pessoa deve marcar um valor de “1” a “7”, conforme julgar a correspondência entre o conteúdo da frase escrita e suas próprias características, sendo o “7” para o caso de a frase descrevê-la muito bem, e “1” para o caso dela não o representar em absoluto.

A EFS é subdividida em três subescalas: Amabilidade, Pró-Sociabilidade e Confiança nas Pessoas. A Amabilidade (S1) refere-se ao quão agradável uma pessoa busca ser com as outras. Baixos valores indicam pouca disponibilidade a terceiros, atitude autocentrada e indiferença às necessidades alheias. A Pró-Sociabilidade (S2) representa o nível de concordância do respondente com as normas sociais. Baixos valores indicam tendência a comportamentos de risco, confronto com leis e regras sociais, baixo desenvolvimento moral, auto e heteroagressividade e possíveis padrões de consumo de bebidas alcoólicas. A Confiança nas pessoas (S3) diz sobre o quanto um indivíduo confia nos demais e acredita que eles não o prejudicarão intencionalmente. Baixos valores denotam a constante percepção de que os outros são perigosos e estão ativamente tentando atingi-lo de diferentes formas. As subescalas da EFS são compatíveis com facetas de alguns traços do Modelo Big Five, sobretudo aqueles ligados à qualidade e ao padrão das interações pessoais e sociais (Silva & Nakano, 2011), como amabilidade, neuroticismo, conscienciosidade e extroversão (Buss & Plomin, 2015).

Estudo psicométrico realizado em cinco estados brasileiros (BA, RS, SC, SP e PB) com jovens de aproximadamente 21 anos, por meio de análises fatoriais, indicaram uma consistência interna geral de 0,92 nesse instrumento, e específica para os fatores S1, S2 e S3 de 0,91, 0,84 e 0,80, respectivamente. Além disso, quanto à verificação de seu nível de validade de critério, a EFS aplicada conjuntamente com entrevistas apresentou um grau de sensibilidade de aproximadamente 89% na predição de transtornos de personalidade antissocial (Nunes, 2007).

O QCJ, por sua vez, é um instrumento adaptado ao contexto brasileiro por Komatsu (2014), composto por 56 questões com 264 subitens, que investiga vários aspectos da vida dos adolescentes/jovens, como funcionamento familiar, escolar, características do bairro de residência, da rotina, amigos, questões socioeconômicas e condutas antissociais já praticadas pelo indivíduo. Cada item é pontuado dicotomicamente, por meio da lógica ausência/presença de determinados fatores, formando escalas referentes aos domínios Pessoal (P), Familiar (F), Escolar (E), Rotina e Pares (R&P) e Comunidade e Apoio Social (C&AS). Nesta pesquisa, somente as questões referentes às condutas antissociais (divergentes e delituosas), inerentes ao domínio P, foram consideradas/analizadas.

As condutas divergentes referem-se ao consumo de substâncias psicoativas: álcool, cannabis e outras drogas. Quanto ao consumo de álcool, investiga-se o número de vezes que a adolescente relata já haver ficado embriagada com cerveja ou vinho, ou com bebidas destiladas. Para cannabis e outras drogas, a medida refere-se ao número de vezes em que consumiu a droga nos últimos 12 meses. Com relação às condutas delituosas, busca-se averiguar se a adolescente já teria tido envolvimento em algum (ou alguns) dos seguintes atos,

independentemente de ter sido ou não apreendida pela polícia/justiça: tráfico de drogas, furto, furto em estabelecimento comercial, furto em interior de carro, furto de carro ou moto, ferir animais, lesão corporal, lesão corporal com instrumento, porte de arma de fogo, dano, receptação, participação em lutas de grupos e roubo. A cada ato assinalado, solicita-se que a jovem responda a idade que tinha quando o realizou pela primeira vez, o número de vezes que foi praticado nos últimos 12 meses, se estava sozinha, acompanhada de outros jovens ou de adultos e, no caso de alguém ter descoberto, se teria sido punida ou não pelo ato. Para os delitos considerados violentos, a adolescente é convidada a responder se a vítima teria necessitado de cuidados médicos ou não. Assim, os dados obtidos remetem às seguintes variáveis: total de atos praticados (frequência), número de atos diferentes praticados (diversidade) e presença de atos contra a pessoa (violência).

Em estudos recentes, a escala “condutas antissociais” do QCJ foi capaz de diferenciar adequadamente grupos de adolescentes em relação a diferentes níveis de envolvimento em condutas delituosas, com correspondência de variáveis psicossociais, para adolescentes do sexo masculino (Komatsu & Bazon, 2017) e do sexo feminino (Salgado, 2018). Além disso, essa e outras escalas do QCJ obtiveram indicadores de precisão iguais ou superior a 0,60, níveis considerados bons ou razoáveis, mostrando-se válido na identificação de problemas de comportamento na população adolescente (Komatsu et al., 2020). As informações obtidas por meio de escalas como essa do QCJ, baseadas no método de delinquência autorrevelada, são equiparáveis e, por vezes, mais confiáveis que aquelas provenientes de registros de delitos oficiais (Zara & Farrington, 2020).

Procedimento

O recrutamento das participantes deste estudo ocorreu em 13 instituições de ensino da cidade de Ribeirão Preto (São Paulo), das quais 7 eram da rede pública e 6 da rede privada. Foram convidadas a participar da pesquisa todas as jovens que estudavam em salas de aulas de ensino fundamental II e médio, nas quais obteve-se permissão para realização da pesquisa. A coleta dos dados ocorreu entre agosto de 2018 e novembro de 2019 conforme os procedimentos aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CA-AE nº 86860718.1.0000.5407).

As primeiras análises realizadas foram de caráter exploratório, a fim de avaliar a distribuição das variáveis na amostra estudada. Estatísticas descritivas (frequência, média, desvio padrão, valores mínimos, máximos e quartis) foram calculadas para as variáveis sociodemográficas (idade e escore no Critério Brasil), para os traços de personalidade (subescalas da EFS) e para as variáveis de conduta antissocial (QCJ). Na sequência, considerando a variabilidade, na amostra, dos valores obtidos nos traços inerentes à “Socialização”, ou seja,

nas subsescalas (Nunes, 2007), optou-se pelo método de clusterização kmeans para identificar diferenças intragrupo. A análise de cluster foi realizada com o software R, com o pacote NBClust (Charrad et al., 2014). Uma vez identificados clusters na amostra, foram calculadas as estatísticas descritivas de cada cluster nas variáveis estudadas. Utilizou-se o método da Análise de Variância (ANOVA) para análise dos dados referentes à idade, status socioeconômico (escore Br), uso de substâncias, frequência e diversidade de atos delituosos – violentos e não violentos. Em seguida, foi feita a análise post-hoc de Tukey para averiguar entre quais clusters havia evidências de diferenças sugeridas pelo teste ANOVA, permitindo elaboração de hipóteses.

RESULTADOS

Os resultados descritivos referentes às variáveis de conduta antissocial relatadas pela amostra total encontram-se na Tabela 1.

Tabela 1. Níveis de Engajamento em Condutas Antissociais da Amostra Total (n = 490)

	Embriaguez por álcool	Uso de Maconha	Uso de outras drogas	Diversidade Total	Frequência Total	Diversidade (V)	Frequência (V)
Média (DP)	2,1 (7,7)	0,4 (2,7)	0,1 (0,9)	0,8 (1,3)	2,2 (12,6)	0,2 (0,5)	0,3 (1,7)
Min.	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
3o quartil	2,0	0,0	0,0	1,0	1,0	0,0	0,0
Máx.	130,0	30,0	10,0	12,0	251,0	4,0	25,0

Nota: A Tabela mostra a Média, o desvio-padrão (DP) e os valores de Mínimo (Min), 3º quartil e Máximo (Máx.) que estas variáveis apresentam na amostra.

De acordo com a Tabela 1, a Embriaguez por álcool e a Frequência Total de Delitos apresentaram os maiores valores médios e desvios-padrão dentre todas as variáveis, destacando-se como as variáveis de conduta mais comuns na amostra total. Os menores valores do conjunto corresponderam às variáveis Uso de outras drogas e Diversidade de Delitos (Violentos), estando estes, portanto, presentes em menor quantidade nessa amostra. Os valores mínimos (1º quartil) nos indicadores de condutas antissociais foram iguais à zero em todas as variáveis, indicando que, em cada uma delas, houve adolescentes que não apresentaram em nenhum nível a conduta referida. No 3º quartil, Embriaguez por Álcool, Di-

versidade de Delitos (Não Violentos) e Frequência de Delitos (Não Violentos) apresentaram aumento. Os valores máximos de cada conduta seguiram uma tendência semelhante a dos outros parâmetros da tabela: maiores valores para as variáveis Embriaguez por Álcool e Frequência de Delitos (Não Violentos), sendo estas as condutas mais comuns dentro da amostra, e menores valores para Uso de outras drogas (que não Maconha e Álcool) e Diversidade de Delitos (Violentos) – estes apresentando-se como os mais incomuns. Verificou-se também na amostra total uma maior variação referente aos índices do 3º e 4º quartis, sugerindo uma heterogeneidade na amostra em relação aos níveis de conduta antissocial apresentados.

As informações apresentadas à continuação indicam que a amostra total foi heterogênea com relação aos aspectos de Amabilidade (S1), Pró-Sociabilidade (S2) e Confiança nas Pessoas (S3), o que viabilizou a clusterização com base nessas variáveis, originando três clusters. Os resultados descritivos para as variáveis sociodemográficas, bem como o resultado do teste ANOVA, são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2. Resultados descritivos e comparativos de idade e nível socioeconômico de cada cluster da amostra

		Idade	Escore BR
Cluster 1 (n = 166)	M	14,9	24,3
	DP	2,0	6,3
Cluster 2 (n = 100)	M	14,4	23,4
	DP	2,1	6,4
Cluster 3 (n = 224)	M	14,9	26,9
	DP	1,8	7,1
ANOVA		F(2, 487) = 2,68, p = 0,07	F(2, 487) = 12,29, p < 0,00

Nota: Escore BR = pontuação gerada por meio do Critério Brasil (ABEP, 2018). M= média e DP = desvio-padrão.

Segundo o teste ANOVA, os três clusters não apresentaram idades médias equivalentes entre si; contudo o teste post-hoc de Tukey realizado não evidenciou diferenças significativas entre as médias de idade dos três grupos, tornando-os comparáveis nesse quesito. Para o Escore Br (nível socioeconômico), o teste ANOVA indicou haver equivalência entre as médias dos dois primeiros clusters, tendo o C3 apresentado um valor maior que o dos outros.

A Tabela 3 apresenta uma comparação entre os clusters nas variáveis da conduta antissocial, com os resultados descritivos referentes à média (M) e desvio-padrão (DP) e o teste

ANOVA, para cada uma das variáveis investigadas. Pode-se notar que os maiores valores expressos na Tabela 3 acerca das variáveis de conduta antissocial foram referentes à C2, seguidos por C1 e C3. Com base nos resultados dos testes ANOVA, verificou-se que há sugestão de diferença entre ao menos dois clusters da amostra no que diz respeito a essas variáveis.

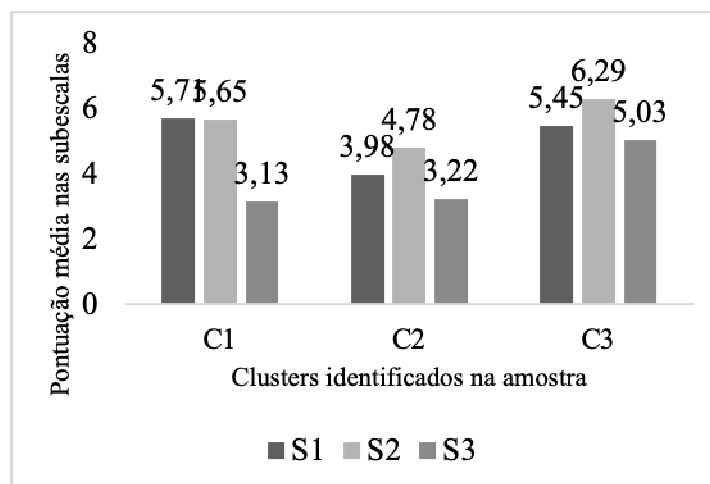
Tabela 3. Resultados descritivos e análise ANOVA de cada cluster em relação a cada variável de conduta antissocial

	Cluster 1 (n = 166)	Cluster 2 (n = 100)	Cluster 3 (n = 224)	ANOVA
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	
Embriaguez por álcool	2,3 (5,3)	4,1 (15,0)	1,1 (3,1)	F(2, 487) = 5,16, p > 0,01
Uso de Maconha	0,2 (0,7)	1,5 (5,8)	0,0 (0,3)	F(2, 487) = 10,97, p > 0,00
Uso de outras drogas	0,2 (1,1)	0,3 (1,5)	0,0 (0,2)	F(2, 487) = 4,23, p > 0,01
Diversidade Total	0,7 (1,2)	1,6 (2,0)	0,4 (0,7)	F(2, 487) = 34,95, p > 0,00
Frequência Total	1,2 (3,5)	7,0 (26,1)	0,7 (4,5)	F(2, 487) = 9,78, p > 0,00
Diversidade (V)	0,2 (0,5)	0,4 (0,8)	0,1 (0,3)	F(2, 487) = 10,09, p > 0,00
Frequência (V)	0,1 (1,0)	0,7 (3,2)	0,2 (1,3)	F(2, 487) = 4,28, p > 0,01

Nota: Variáveis com (V) referem-se a condutas com violência. M= média e DP = desvio-padrão.

No que se refere às diferenças nos aspectos de personalidade de cada cluster, a Figura 1 apresenta graficamente as médias com relação às subescalas da EFS: Amabilidade (S1), Pró-Sociabilidade (S2), Confianças nas Pessoas (S3). O C1 obteve médias mais altas em Amabilidade (S1) e Pró-Sociabilidade (S2), decaindo apenas em Confiança nas Pessoas (S3); C2 obteve as menores médias dentre os três clusters no geral, exceto no fator Confiança nas Pessoas (S3), em comparação a C1; C3 apresentou as médias mais altas nas subescalas no geral, sendo superado apenas por C1 no quesito Amabilidade (S1).

Figura 1. Pontuações médias de cada cluster nas subescalas da Escala Fatorial de Socialização



Por fim, a Tabela 4 sintetiza o tamanho das diferenças encontradas entre as médias de cada grupo para as variáveis estudadas, a partir de análise post-hoc de Tukey. Dadas às informações presentes na tabela 4, com relação às diferenças entre os clusters, verifica-se uma diferença significativa entre as médias de C2 em comparação às dos outros clusters em todas as variáveis descritivas das condutas elencadas pelo instrumento (à exceção de Embriaguez por Álcool e Uso de outras drogas, na comparação com C1). Na comparação C2 x C1, as maiores diferenças significativas foram em Frequência Total de Delitos e Uso de Maconha, enquanto na relação C3 x C2 destacaram-se as diferenças em Frequência Total de Delitos e Embriaguez por Álcool. Por fim, na relação entre C3 e C1 houve diferença significativa somente nas médias relativas à Diversidade Total de Delitos.

Tabela 4. Diferenças entre as médias nas variáveis de conduta antissocial, entre cada cluster

	C2 x C1 Dif.	C3 X C1 Dif.	C3 x C2 Dif.
Embriaguez por álcool	1,7	-1,2	-3,0
Uso de Maconha	1,3	-0,2	-1,5
Uso de outras drogas	0,1	-0,2	-0,3
Diversidade Total	0,9	-0,3	-1,3
Frequência Total	5,8	-0,4	-6,3
Diversidade (V)	0,2	-0,1	-0,3
Frequência (V)	0,6	0,0	-0,6

Nota: Diferenças cujo valor p <= 0,05 estão destacadas em negrito.

Com relação aos níveis de condutas antissociais, os clusters mostraram-se diferentes entre si – sendo encontrados maiores valores em C2, C1 e C3, respectivamente –, além de terem sido identificadas tendências diferentes dentro de cada cluster, sendo que aqueles que apresentaram maiores médias nas variáveis de Socialização também apresentaram menores níveis de condutas antissociais, de acordo com resultados descritivos calculados.

DISCUSSÃO

O presente estudo buscou verificar relações entre traços de personalidade, inerentes ao fator Socialização, de acordo com o Modelo Big Five, e padrões de condutas antissociais em jovens escolares do sexo feminino, pressupondo que padrões de conduta antissocial mais graves assentam-se em processos de socialização perpassados por problemas relacionais e, por conseguinte, em mais frágil vínculo social. Considera-se, a partir do exposto e das relações verificadas, embasadas nos dados obtidos, que os objetivos do estudo foram atingidos.

Com relação à amostra total, as jovens participantes apresentaram valores abaixo da média na EFS em comparação ao grupo normativo que compõe o manual do instrumento (Nunes, 2005), o que denotaria características de Socialização desfavoráveis ao estabelecimento de vínculos pró-sociais. No entanto, o grupo normativo da EFS (Nunes, 2005), é formado, em grande parte, por estudantes de psicologia e pesquisadores, que teriam supostamente valores mais elevados em Socialização, tornando mais frágeis afirmações nesse sentido. Ademais, considerando os valores dos desvios-padrões, nota-se, contudo, alta variabilidade na amostra, dando indicações de importante heterogeneidade, o que aponta para a maior pertinência da compreensão destes resultados por agrupamentos. Quando comparada a amostras masculinas, níveis maiores foram obtidos no geral pela amostra deste estudo, algo esperado quando considerados apontamentos da literatura que sugerem que meninos costumam pontuar menos nas variáveis da EFS em comparação a meninas (Komatsu, 2014; Komatsu & Bazon, 2017; Zahn et al., 2008).

Na clusterização da amostra a partir das médias nas subescalas de Socialização, três agrupamentos foram identificados. C1 e C3 apresentaram maiores médias nas subescalas da EFS e menores nas condutas antissociais. Esses grupos constituíram a maior parte da amostra total. No tocante à conduta, esse resultado alinha-se às evidências de que, em amostras da população, a maior parte das jovens apresenta baixo ou nenhum envolvimento nessas condutas (Kruttschnitt, 2013; Salgado, 2018), em consonância às expectativas de gênero, ou, melhor, à socialização baseada em maior controle social (e desincentivo à manifestação de comportamentos antissociais) (Lanctôt & LeBlanc, 2002). Assim sendo, do

ponto de vista da relação entre personalidade e condutas sociais, os resultados sugerem que valores mais elevados nos traços avaliados parecem ser indicativos de socialização mais positiva, que remetem a experiências sociais mais suscetíveis ao estabelecimento de vínculos sociais fortes (Jolliffe, 2013; Möttus et al., 2012; Nunes & Hutz, 2007).

Já em relação a C2, embora também proveniente da população geral, verificou-se um perfil distinto, com menores médias em todas as variáveis da EFS e níveis significativamente mais altos em várias das condutas antissociais avaliadas. As menores médias em Amabilidade (S1) e Pró-Sociabilidade (S2) remetem mais provavelmente a experiências sociais mais negativas e, talvez, a relações interpessoais mais frágeis e, assim, a um mais frágil vínculo social – baseado num sentido mais frágil de pertencimento a instituições sociais como família e escola, tão importantes à socialização. Vale destacar que os desvios-padrão desse cluster apareceram com valores altos, possibilitando pensar que, em C2, pode haver subgrupos, um deles responsável pela maior frequência/diversidade de condutas antissociais, em concordância também com Kruttschnitt (2013) e Salgado (2018). Por fim, as menores diferenças verificadas entre C2 e os outros clusters apareceram nos escores relativos à Embriaguez por Alcool e Uso de outras drogas. Uma possível explicação para isso seria o fato dessas condutas divergentes serem menos reprovadas socialmente no contexto brasileiro e, portanto, mais naturalizadas em meio às jovens (assim como aos jovens – gênero masculino), até mesmo pela abundância de oferta e facilidade na aquisição de tais substâncias (Malta et al., 2011).

Em uma síntese da comparação entre os clusters, os mais altos níveis de Amabilidade (S1) mostraram-se relacionados a uma menor taxa de envolvimento em condutas delituosas pelas adolescentes, em concordância com o que é visto em outros estudos com amostras masculinas ou mistas (Eisenbarth et al., 2018; Jolliffe, 2013; Möttus et al., 2012; Van Dam et al., 2005; Walters, 2018a). O mesmo foi observado, na amostra deste estudo, com o fator Pró-Sociabilidade (S2). Enquanto a Amabilidade (S1) avalia aspectos como altruísmo e preocupação com o bem-estar alheio – aspectos importantes para a vinculação social –, a Pró-Sociabilidade (S2) indica o grau de concordância de um indivíduo com as normas sociais (Nunes & Hutz, 2007). Pode-se pensar que, quando combinados, esses fatores podem propiciar relações pró-sociais, que podem oferecer modelos de comportamento positivo que protegem e estimulam o adolescente a agir e a pensar de forma concordante com regras sociais e morais estabelecidas, servindo também como um fator de proteção, conforme apontado por Hilterman et al. (2016).

Focalizando a comparação entre C1 e C3, denota-se a relevância de S3 para o fenômeno estudado. Embora esses clusters tenham mostrado certa semelhança entre si, no caso da Confiança nas Pessoas (S3), verificou-se diferença signifi-

cativa, com CI apresentando um valor médio inferior nessa subescala. Entre esses clusters, também houve diferença significativa entre os níveis de condutas antissociais em Diversidade Total de Delitos, tendo C1 apresentado escore mais elevado. As relações denotadas estão em concordância com as encontrados em estudos – com adolescentes do gênero masculino – que apresentam que a desconfiança do outro, com atribuição de intenção hostil, mostra-se uma característica comum em indivíduos com engajamento mais grave em prática de delitos, violentos e não violentos – indistintamente (Franco & Bazon, 2018).

A partir do descrito, sugere-se que menores níveis nos aspectos da personalidade medidos pela EFS podem estar relacionados a maiores níveis de engajamento em condutas antissociais, mas que maiores valores nos outros aspectos (como no caso da Confiança nas Pessoas) podem atenuar essa relação – como pode ter ocorrido em C1. Intervenções psicossociais/socioeducativas devem, portanto, visar os diferentes aspectos do desenvolvimento da personalidade que vêm na esteira dos problemas de socialização, sendo que ações voltadas a todos (enquanto conjunto) ou a alguns desses aspectos podem influenciar toda a dinâmica de comportamento social da adolescente e, possivelmente, seu nível de engajamento antissocial.

Considerando as comparações de variáveis sociodemográficas entre os clusters, vale frisar que foram encontradas diferenças com relação ao nível socioeconômico. O C3 apresentou o maior Escore Br da amostra e, portanto, melhores condições econômicas. Opostamente, C2 apresentou o menor escore Br, denotando piores condições econômicas. No entanto, vale citar que, entre C1 e C2, não houve diferença significativa no Escore Br, mas houve diferença em outras variáveis. Indica-se, assim, que o status socioeconômico não se mostrou, por si só, relacionado a um menor nível de Socialização, sendo influenciado por outras variáveis não contempladas nessa medida. Esses achados vão ao encontro do apontado por Araújo et al. (2019). A vulnerabilidade social – muitas vezes associada a um menor status socioeconômico – pode remeter a exposição a fatores de risco, como residir em comunidades com altas taxas de criminalidade, poucos/fracos serviços sociais e problemas na inclusão educacional e laboral. Esses fatores, associados a outros, podem afetar o desenvolvimento psicossocial do indivíduo e influenciar o surgimento de condutas antissociais, tornando importante considerá-los dentro de qualquer proposta de análise (Eisenbarth et al., 2018; Gladden et al., 2008; Jin et al., 2016).

Ainda com relação às variáveis sociodemográficas, destaca-se que a média de idade dos clusters pôde ser considerada equivalente – o que viabiliza a formulação de conclusões centradas, sobretudo nas variáveis de personalidade estudadas (sem o viés de eventuais diferenças associadas a faixas etárias/etapas desenvolvimentais). Assim, pôde-se identificar, a partir deste estudo, que os aspectos de persona-

lidade avaliados, relacionados à socialização, mostraram-se relacionados ao envolvimento em condutas antissociais por parte das jovens do sexo feminino – na medida em que médias nas subescalas da EFS diferenciaram os clusters com relação às variáveis de conduta e em comparação à população normativa utilizada na EFS. Além disso, verificou-se que os fatores que podem estar associados à vulnerabilidade social também influenciam a trajetória de desenvolvimento das adolescentes.

Resultados obtidos por Costa et al. (2020), em estudo similar realizado, porém com amostra masculina, apresentou semelhanças nas relações entre aspectos de socialização e cometimento de condutas delituosas. Assim, tendo essa relação se reafirmado em ambos os estudos, levanta-se a hipótese de que estratégias de prevenção semelhantes para ambos os grupos podem ser adequadas, ao menos em relação aos traços estudados, o que vai ao encontro do que é proposto por Jennings et al. (2010). As variáveis de personalidade abordadas neste estudo são certamente relevantes em ações de intervenção e de prevenção com jovens do sexo feminino (assim como para o masculino), por implicarem maior aptidão do indivíduo em desenvolver relações interpessoais positivas em sua vida, favorecendo o sentimento de pertencimento ao grupo e a instituições como a família e escola, diminuindo a probabilidade de envolvimento em condutas antissociais prejudiciais (Zhou et al., 2018). Como sinalizado por Slagt et al. (2015), determinados fatores da personalidade podem ainda modificar a susceptibilidade de um indivíduo a ser influenciado por pares antissociais. Walters (2018b) mostra que a presença do fator Amabilidade pode diminuir em até 89% o número de delitos de jovens previamente institucionalizados, reiterando sua importância. Os achados reiteram, portanto, a importância de conhecer os fatores relevantes ao envolvimento em práticas antissociais e dá ênfase às especificidades do gênero feminino.

Dentre as limitações do estudo, aponta-se a pouca segurança na generalização dos resultados obtidos, uma vez que o recrutamento da amostra não foi probabilístico e a distribuição socioeconômica amostral identificada não foi compatível com a encontrada no estado de São Paulo (ABEP, 2016). Futuras pesquisas baseadas em amostras representativas da população podem refinar os resultados obtidos na presente investigação. Além disso, será importante implementar investigações que se orientem à relação entre características pessoais e aspectos do ambiente social para o envolvimento em condutas antissociais, de modo a contemplar os múltiplos fatores relevantes ao fenômeno multifatorial de que trata o presente estudo. Por fim, vale dizer que, passados alguns anos, um estudo semelhante seria interessante, de modo a oferecer uma medida de tendência e indicativos das transformações dos processos de socialização das meninas/jovens, atreladas a certas alterações nos estereótipos de gênero.

REFERÊNCIAS

- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. (2018, 16 de abril). Critério Brasil e alterações na aplicação do Critério Brasil, válidas a partir de 16/04/2018. <https://www.abep.org/criterio-brasil>
- Araújo M. A. L., Fernandes, E. A. A., Barros, V. L. & Amorim, R. F. (2019) Aspectos comportamentais e infracionais de adolescentes femininas em privação de liberdade. *Texto Contexto Enferm.* 28, 1 – 14. <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2018-0308>
- Berg, M. T., & Schreck, C. J. (2022). The meaning of the victim-offender overlap for criminological theory and crime control policy. *Annual Review of Criminology*, 5, 277-297. <https://doi.org/10.1146/annurev-criminol-030920-120724>
- Buss, A. H. & Plomin, R. (2015). *Temperament: Early developing personality traits*. Psychology Press.
- Charrad, M., Ghazzali, . N., Boiteau, V., & Niknafs, A. (2014). NbClust: An R Package for Determining the Relevant Number of Clusters in a Data Set. *Journal of Statistical Software*, 61(6), 1–36. <https://doi.org/10.18637/jss.v061.i06>
- Costa, P. T. & McCrae, R. R. (2012). The Five-Factor Model, Five-Factor Theory, and Interpersonal Psychology. *Handbook of interpersonal psychology: Theory, research, assessment, and therapeutic interventions*, 91-104. <https://doi.org/10.1002/9781118001868.ch6>
- Costa, R. C., Bazon, M. R., Bauza, A. R., & Andrés-Pueyo, A. (2020). Patrones de conductas delictivas y socialización en adolescentes escolares en Brasil. *Boletín criminológico*, 26(197), 1-26.
- Eisenbarth, H., Krammer, S., Edwards, B. G., Kiehl, K. A., & Neumann, C. S. (2018). Structural analysis of the PCL-R and relationship to BIG FIVE personality traits and parenting characteristics in an Hispanic female offender sample. *Personality and individual differences*, 129, 59-65. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2018.03.015>
- Feist, J., Feist, G. J., & Roberts, T. A. (2015). *Teorias da personalidade* (8a ed.). AMGH Editora.
- Franco, M. G. de O., & Bazon, M. R. (2018). Processamento de informação social e agravamento da conduta delitosa em adolescentes. [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo]. Repositório da Produção USP.
- Gladden, P. R., Figueredo, A. J., & Jacobs, W. J. (2009). Life history strategy, psychopathic attitudes, personality, and general intelligence. *Personality and Individual Differences*, 46(3), 270-275. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2008.10.010>
- Gungea, M., Jaunky, V. C., & Ramesh, V. (2017). Personality traits and juvenile delinquency. *International Journal of Conceptions on Management and Social Sciences*, 5(1), 42-46.
- Hilterman, E. L., Bongers, I., Nicholls, T. L., & Van Nieuwenhuizen, C. (2016). Identifying gender specific risk/need areas for male and female juvenile offenders: Factor analyses with the Structured Assessment of Violence Risk in Youth (SAVRY). *Law and human behavior*, 40(1), 82. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/lhb0000158>
- Hirschi, T. (1969). *Causes of delinquency*. CA: Univer.
- Jennings, W. G., Maldonado-Molina, M. M., Piquero, A. R., Odgers, C. L., Bird, H., & Canino, G. (2010). Sex differences in trajectories of offending among Puerto Rican youth. *Crime & Delinquency*, 56(3), 327-357. <https://doi.org/10.1177/0011128710372478>
- Jin, F., Cheng, Z., Liu, X., Zhou, X., & Wang, G. (2016). The roles of family environment, parental rearing styles and personality traits in the development of delinquency in Chinese youth. *Med One*, 1(2). <https://doi.org/10.20900/mo.20160009>
- Jolliffe, D. (2013) Exploring the relationship between the Five-Factor Model of personality, social factors, and self-reported delinquency. *Personality and Individual Differences*. 55 (1), 47–52. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2013.01.014>
- Komatsu, A. V. (2014). Comportamentos antissociais em adolescentes do sexo masculino: um estudo exploratório na cidade de Ribeirão Preto - SP. [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.11479.16809>
- Komatsu, A. V., & Bazon, M. V. (2017). Personal Differences among Brazilian Adolescents with Distinct Levels of Engagement in Delinquency. *International Journal of Criminology and Sociology*, 6, 65–74. <https://doi.org/10.6000/1929-4409.2017.06.07>
- Komatsu, A. V., Costa, R. C., Salgado, F. S., & Bazon, M. R. (2020). Evidências de precisão e de validade do Questionário sobre Comportamentos Juvenis (QCJ). *Perspectivas Em Psicologia*, 24(2). <https://doi.org/10.14393/PPv24n2a2020-46620>
- Kerig, P. K. & Becker, S. P. (2015). Early Abuse and Neglect as Risk Factors for the Development of Criminal and Antisocial Behavior. In: Morizot, J., Kazemian, L. (eds) *The Development of Criminal and Antisocial Behavior*. Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-319-08720-7_12
- Kruttschnitt, C. (2013). Gender and crime. *Annual Review of Sociology*, 39, 291-308. <https://doi.org/10.1146/annurev-soc-071312-145605>
- Lanctôt, N., & Le Blanc, M. (2002). Explaining deviance by adolescent females. *Crime and justice*, 29, 113-202. <https://doi.org/10.1086/652220>
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2017). Anuário Brasileiro de Segurança Pública. http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/01/ANUARIO_11_2017.pdf
- Ljubin-Golub, T., Vrselja, I., & Pandžić, M. (2017). The contribution of sensation seeking and the Big Five personality factors to different types of delinquency. *Criminal justice and behavior*, 44(11), 1518-1536. <https://doi.org/10.1177/0093854817730589>

- Malta, D. C., Mascarenhas, M. D. M., Porto, D. L., Duarte, E. A., Sardinha, L. M., Barreto, S. M... & Morais Neto, O. L. D. (2011). Prevalência do consumo de álcool e drogas entre adolescentes: análise dos dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 14 (1), 136-146. <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2011000500014>
- Morgado, A. M., & Dias, M. D. L. V. (2016). Comportamento antissocial na adolescência: o papel de características individuais num fenómeno social. *Psicologia, saúde & doenças*, 17(1), 15-22. <http://dx.doi.org/10.15309/15psd170103>
- Möttus, R., Guljajev, J., Allik, J., Laidra, K., & Pullmann, H. (2012). Longitudinal associations of cognitive ability, personality traits and school grades with antisocial behaviour. *European Journal of Personality*, 26(1), 56-62. <https://doi.org/10.1002/per.820>
- Nardi, F. L., Jahn, G. M., & Dell'Aglio, D. D. (2014). Perfil de los adolescentes en privación de libertad: eventos estresores, uso de drogas y expectativas de futuro. *Psicología em Revista*, 20(1), 116-137. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9523.2014v20n1p116>
- Nunes, C. H. S. D. S. (2005). Construção, normatização e validação das escalas de socialização e extroversão no modelo dos Cinco Grandes Fatores. [Dissertação de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Lume - Repositório Digital da UFRGS.
- Nunes, C. H. S. D. S. (2007). Lançamento da escala fatorial de extroversão (EFEx) e escala fatorial de socialização (EFS). *Avaliação Psicológica*, 6(1), 103-106.
- Nunes, C. H. S. D. S., & Hutz, C. S. (2007). Construção e validação da escala fatorial de socialização no modelo dos cinco grandes fatores de personalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (1), 20-25. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000100004>
- Oggers, C. L., Moffitt, T. E., Broadbent, J. M., Dickson, N., Hancock, R. J., Harrington, H., Poulton, R., Sears, M. R., Thomson, W. M. & Caspi, A. (2008). Female and male antisocial trajectories: From childhood origins to adult outcomes. *Development and psychopathology*, 20(2), 673-716. <https://doi.org/10.1017/S0954579408000333>
- Rodrigues, C. D., Oliveira, V. C. & Rocha, R. L. S. (2017). Brazil. In S. H., Decker, & N., Marteache. . *International Handbook of Juvenile Justice*. (pp. 71 - 89) Ed: Springer. <https://doi.org/10.1007/978-3-319-45090-2>
- Salgado, F. S. (2018). *Comportamentos divergentes e delituosos autorrevelados em adolescentes do sexo feminino e variáveis psicológicas e sociais associadas*. [Dissertação de Doutorado, Universidade de São Paulo]. Repositório da Produção USP.
- Sánchez-Teruel, D., & Robles-Bello, M. (2013). El modelo " Big Five" de personalidad y conducta delictiva. *International journal of psychological research*, 6(1), 102-109. <https://doi.org/10.21500/20112084.709>
- Silva, I. B., & de Cássia Nakano, T. (2011). Modelo dos cinco grandes fatores da personalidade: análise de pesquisas. *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment*, 10(1), 51-62.
- Slagt M., Semon Dubas J., Dekovic. M., Haselager G. J. T. & Van Aken M. A. G. (2015). Longitudinal Associations Between Delinquent Behavior of Friends and Delinquent Behavior of Adolescents: Moderation by Adolescent Personality Traits. *European Journal of Personality*, 29 (4), 468-477. <https://doi.org/10.1002/per.2001>
- Schwartz, J., & Steffensmeier, D. (2017). Gendered opportunities and risk Preferencesfor offending across the life course. *Journal of Developmental and Life-Course Criminology*, 3(2), 126-150. <https://doi.org/10.1007/s40865-016-0050-5>
- Van Dam, C., Janssens, J. M., & De Bruyn, E. E. (2005). PEN, Big Five, juvenile delinquency and criminal recidivism. *Personality and individual differences*, 39(1), 7-19. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2004.06.016>
- Walters, G. D. (2018a). Personality and crime: Mediating the agreeableness-offending and conscientiousness-offending relationships with proactive and reactive criminal thinking. *Personality and Individual Differences*, 129, 166-170. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2018.03.035>
- Walters, G. D. (2018b). Predicting short-and long-term desistance from crime with the NEO personality inventory-short form: Domain scores and interactions in high risk delinquent youth. *Journal of Research in Personality*, 75,37-45. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2018.05.004>
- Wang, P., Wu, X., Wang, J., Sun, Y., Yang, S., Shi, H., & He, Z. (2022). The Big Five Personality and Perception of the Career Barriers of Male Prisoners: Moderated Mediating Effect Models. *Crime & Delinquency*, 00(0), 1-28. <https://doi.org/10.1177/00111287221104742>
- Zahn, M. A., Brumbaugh, S., Steffensmeier, D., Feld, B. C., Morash, M., Chesney-Lind, M., & Kruttschnitt, C. (2008). *Violence by teenage girls: Trends and context*. <https://www.ojp.gov/pdffiles1/ojjdp/218905.pdf>
- Zara, G., & Farrington, D. P. (2020). Childhood Risk Factors for Self-Reported Versus Official Life-Course-Persistent, Adolescence-Limited, and Late-Onset Offending. *Criminal Justice and Behavior*, 47(3), 352-368. <https://doi.org/10.1177/0093854819897705>
- Zhou, Y. Q., Gan, D. Z. Q., Hoo, E. C. C., Chong, D., & Chu, C. M. (2018). Evaluating the Violence Prevention Program: group and individual changes in aggression, anger, self-control, and empathy. *Journal of Forensic Psychiatry and Psychology*, 29(2), 265-287. <https://doi.org/10.1080/14789949.2017.1375541>

Data de submissão: 31/07/2022
Primeira decisão editorial: 19/09/2022
Aceite: 13/11/2022